

MUDANÇA DE PARADIGMA

A Representação do Ameríndio entre os Séculos XVI e XVIII

Ronald Raminelli*

Introdução

A origem do homem americano sempre foi uma incógnita para os europeus. Na tradição aristotélica e bíblica, não havia informações seguras sobre a existência dessas comunidades descobertas a partir de 1492. Por diversas vezes, missionários e viajantes debruçaram-se sobre o problema e procuraram na tradição ocidental elementos capazes de explicar a sua origem. Seguindo um pressuposto bíblico, os religiosos procuraram comprovar que a humanidade era proveniente de Adão e Eva. Neste sentido, não descartaram a idéia de monogenismo, apesar das diferenças culturais que separavam os cristãos e os povos do Novo Mundo. Os ameríndios possuíam a mesma origem dos europeus e, portanto, carregavam consigo as sementes do cristianismo plantadas pelo Criado. Tal princípio permitia os missionários levar adiante os trabalhos de catequese e combater os escravistas, defensores da incapacidade dos nativos em entender a palavra revelada e receber a conversão. O conceito aristotélico de escravidão natural tornou-se, portanto, um importante aliado dos colonizadores que concebiam o índio como homens forjados para a faina colonial.

Para os escravistas, a natureza destinou a esses indivíduos a função de obedecer, sendo portanto escravos naturais. Os bárbaros devem pertencer e sujeitar-se a um senhor, capaz de guiá-los e encaminhá-los segundo os princípios da razão. As atividades desempenhadas por eles não diferem daquelas executadas pelos animais domésticos, ajudando a seu amo com a força física e empregando os atributos naturais para o bem da vida civil. A natureza dotou os escravos de um corpo robusto e perfeito para as atividades manuais, o mesmo não ocorreu com a constituição corporal dos homens livres.

O conceito de bárbaro atravessou o Atlântico e encontrou solo fértil nas narrativas de viagens. Bárbaros eram os índios de corpos nus, bárbaros eram os canibais na faina de esquartejar corpos e devorar a carne do inimigo. Bárbaros eram os guerreiros e seus embates eternos, seres sem Lei, sem Rei, sem Fé. A vingança Tupinambá marcou a fronteira entre o cristão e o selvagem, demonstrando o limite ou a inviabilidade da catequese. O bárbaro saltou dos

* Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Brasil

escritos de Aristóteles e Santo Tomás de Aquino e mergulhou nos relatos sobre o cotidiano ameríndio. O aristotelismo pouco se alterou durante o longo percurso, recebendo apenas algumas adaptações. As guerras, a nudez, o canibalismo e a falta da centralização política sempre foram costumes próprios dos bárbaros. No entanto, as teses aristotélicas de escravidão natural foram duramente combatidas pelos Estados ibéricos que promulgaram diversas leis destinadas a proteger os ameríndios da ameaça da escravidão.

Os religiosos enfrentaram muitas dificuldades para explicar as diversidades culturais entre os cristãos e os americanos. Se a humanidade descendia de mesmo ancestral, por que as comunidades radicadas no Novo Mundo perpetravam ritos tão bárbaros? Por que o canibalismo, a nudez e a feitiçaria eram recorrentes nessa parte do mundo? Entre os séculos XVI e XVII, os religiosos explicaram degeneração dos costumes por intermédio da teologia e da demonologia.

No entanto, durante o século XVIII, os pressupostos bíblicos e teológicos foram descartados pelos iluministas. O monogenismo ganhou alguns adversários, e os americanos receberam novamente a pecha de seres decaídos. O presente artigo procura explorar os pressupostos teológicos empregados pelos padres para legitimar a catequese. Em seguida, buscou traçar, de modo conciso, como os iluministas romperam com a explicação teológica. Essas percepções diferenciadas nos permitem traçar uma evolução muito cara ao século XVIII, ou melhor, permitem visualizar como os paradigmas do cientificismo suplantaram a visão religiosa do mundo. O século das Luzes explicou o primitivismo das comunidades indígenas por intermédio da natureza: o meio americano e tropical era impróprio para o desenvolvimento humano. A falta de estado, escrita e religião eram explicados pelas dificuldades impostas por uma natureza adversa à humanidade.

Índios, cristãos em potencial

O padre Simão de Vasconcelos nasceu na cidade do Porto em 1597 e, ainda jovem, veio para o Brasil. Ingressou na Companhia de Jesus em 1615 e ocupou o cargo de Reitor do Colégio do Rio de Janeiro em 1655. Na *Chronica da Companhia de Jesus*, editada em Portugal, em 1668, o religioso concebeu uma epopéia ao narrar a história da Companhia de Jesus no Brasil. Os jesuítas, assim como Ulisses, lutaram bravamente contra as diversidades do novo território e viabilizaram a missão heróica de converter os índios à causa do cristianismo. Enfrentaram as intempéries de uma viagem marítima cheia de aventuras e aportaram em uma terra desconhecida, inóspita e povoada de canibais. Ainda tiveram de resistir às longas caminhadas através das florestas tropicais, percurso povoado por onças e cobras que tinham a natureza exótica como aliada. A fome e os martírios da purificação da alma não faltaram aos

heróis da cristandade. Os novos Ulisses não temeram os possíveis monstros escondidos na densa mata e, como guerreiros, desafiaram o maior rival do mundo cristão. Em priscas eras, o anticristo havia dominado a América e os padres receberam a missão de desbancá-lo.

As mensagens do Evangelho somente chegariam aos corações dos gentios caso o poder do Mal fosse desacreditado. Deste modo, a catequese provocaria as ruínas do império maligno e pela conversão promoveria a liberdade dos antigos escravos de Satã. A conquista espiritual lutou contra um incrível adversário, soberano por seis mil anos do vasto império da "Gentilidade Brasileira". Durante séculos, o Criador permitiu o abandono do novo continente, destituindo-o de profetas, de Paraíso terreno e de seres racionais. Deus preteriu-o em favor da Europa, Ásia e África, onde criou o homem, formou o Paraíso e enviou os patriarcas. A América permaneceu até a chegada dos primeiros enviados da Igreja sem a palavra revelada, sem luz, sem fé, sem salvação.

O povoamento do novo território originou-se depois do ano de 1656 da criação do mundo. Comparado à Europa, abrigou núcleos populacionais em tempos mais recentes, pois antes do dilúvio não havia homens nestas paragens. *"Esta resolução é certíssima: consta da Sagrada Escritura, porque dos homens que viviam no mundo antes do dilúvio, nenhum escapou, excetuas oito almas da Arca de Noé"*. Depois do dilúvio, os homens da Arca de Noé permaneceram no mundo conhecido, pois as escrituras não mencionam o deslocamento dos sobreviventes em direção ao continente recém-descoberto.

Portanto, declarou o padre Simão de Vasconcelos, os eventos narrados pelos naturais da terra não mereciam crédito. Os relatos indígenas sobre a inundação das águas e o salvamento de heróis míticos não passavam de invenções. A falta de registros escritos permitiu distorções e promoveu o surgimento de histórias adulteradas pela fraqueza da memória e pelos longos séculos.

Para o padre Simão de Vasconcelos, os primeiros povoadores da América poderiam ser os construtores da Torre de Babel. A inviabilidade da obra provocou muita frustração e a necessidade de procurar novas terras para se fixar. *"E se assim é, são muito antigos estes povoadores; porque a história da torre passou aos 131 anos depois do dilúvio, na era de 1788 da criação do mundo, 2174 antes da vinda de Cristo"*. Os hebreus, os troianos e os africanos também poderiam ter aportado nessas paragens e iniciado o estabelecimento de novos núcleos populacionais. No entanto, o jesuíta descartou todas as possibilidades anteriormente mencionadas, em favor de uma hipótese, segundo ele, mais plausível. E assim constatou que os índios não se originaram dos antigos povos do Mediterrâneo. Seus antepassados partiram de um território mais próximo do Novo Mundo. Os ameríndios provinham de uma prodigiosa ilha chamada Atlante.

A ilha localizava-se na boca do mar Mediterrâneo, próxima das Colunas de Hércules, e possuía uma extensão agigantada, maior que a África e a Ásia. Porém, o destino tramou contra a região, sendo completamente inundada pelas águas do oceano. O fenômeno ocorreu por ocasião de um grande terremoto e aluvião de águas de um dia e uma noite. Depois da catástrofe, as águas tornaram-se navegáveis, originando o oceano Atlântico. Alguns vestígios desta gigantesca ilha permaneceram e denominaram-se de Madeira, Açores e Cabo Verde. Para o imaginoso jesuíta, as dimensões colossais de Atlante comprovavam a continuidade entre a ilha e a América. Talvez o encontro das terras formasse um único continente, tornando plausível a origem atlante dos povos americanos.

A existência de Atlante promoveu uma calorosa discussão. Muitos negavam a autenticidade do testemunho de Platão, enquanto os defensores procuravam indícios para comprovar o desmoronamento da fabulosa civilização. Alguns sábios concebiam-na como invenção e fábula. No entanto, Simão de Vasconcelos não se incomodou com as dúvidas e insistiu, confessando acreditar na autoridade do filósofo, chamado em seu tempo

*“por antonomásia o Divino, luz de toda a Filosofia, e de todos seus segredos, e tão sério em todo seu dizer: mas também o modo com que fala, quando a segue, descrevendo-a com todas suas particularidades, da grandeza da terra, fertilidade dos sítios, seus bosques..”*¹

No Brasil, os nativos acreditavam que seus antepassados vieram de uma outra parte do mundo, sendo gente de cor branca. Em tempos remotos, dois irmãos e suas famílias chegaram a estas bandas pelo mar e aportaram em uma baía segura e formosa, que depois foi denominada de Cabo Frio. Os novos povoadores partiram em uma viagem, fugindo da própria pátria por causa de guerras. Em solo americano, os homens começaram a realizar diligências em busca de gente e notícias sobre o lugar. Porém, nada encontraram além da solidão, das feras e das aves. A frescura e a fertilidade da natureza incentivaram a permanência do grupo nestas paragens. Não tardou e os pioneiros fundaram o primeiro povoado do Brasil, motivados pela exuberância da paisagem. Desde então, os habitantes se multiplicaram e repartiram entre si as melhores terras. Porém, a união do grupo sofreu alguns contratemplos, ocasionando o fracionamento do núcleo original. Uma possível explicação para as desavenças e o rompimento da unidade estaria na disputa, entre as mulheres dos irmãos, pela posse de um papagaio. A querela provocou tantas paixões que a família do irmão mais velho ficou na terra, enquanto o grupo ligado ao mais moço dirigiu-se ao sul. Os dissidentes costearam o litoral e chegaram a um grande rio, denominado mais tarde de rio da Prata. Simão de Vasconcelos considerou o irmão mais jovem como progenitor dos habitantes da América espanhola. “E

*este dizem foi o primeiro habitador das terras, que hoje chamamos Buenos Aires, Quito, Peru, e as demais daquelas partes”.*²

No entanto, a cor da pele, a língua e os costumes afastavam os ameríndios da origem européia. Se Atlante constituiu o núcleo original dos povos da América, como explicar a tez vermelha e as práticas demoníacas perpetradas pelos americanos? Nenhum dos primeiros povoadores, afirmou Vasconcelos, possuía a cor vermelho-tostada. O calor demasiado provocou a transformação da tonalidade de pele. Tal argumento encontrou respaldo na filosofia e na lógica dos aristotélicos, que relacionavam o clima frio à cor branca e a negra ao excesso de calor. Aristóteles atribuía a cor branca do cisne à frialdade do ventre da mãe; e a negritude do corvo ao calor do ventre. Entre os dois extremos, surgem as outras tonalidades. Por outro lado, a mudança da cor, e logo da natureza, somente ocorreria com a persistência do calor. Um europeu exposto ao sol tropical permaneceria com a sua *cútis* original. Os descendentes dos primeiros habitantes da América teriam mudado de coloração devido aos séculos de exposição ao sol e ao calor, mas não se tornaram pretos como os africanos. Seguindo este raciocínio, o vermelho-tostado, a cor embaçada dos nativos, denunciava a origem européia dos povos do Novo Mundo. Porém, argumenta o jesuíta, a cor da tez dependia igualmente dos pais, *“porque se ambos têm virtude fria, geram brancos; se ambos cálida, geram preto: e se uma fria, outra cálida, geram de cor entremeia, nem perfeitamente branca, nem preta”*.³

A variedade das línguas também chamou a atenção de Simão de Vasconcelos. Os primeiros povoadores do Brasil falavam um só idioma. Depois de longos séculos de isolamento, o vernáculo original se adulterou e se multiplicou. Porém, as regras da Gramática com nomes, verbos, declinações, conjugações, ativas e passivas permaneceram. O padre José de Anchieta ressaltou a perfeição da fala dos nativos, comparando-a à língua grega. Em que escolas aprenderam, no meio do sertão, tão corretas normas gramaticais? A resposta para o mencionado questionamento segue o mesmo raciocínio das transformações do português desde da sua origem no latim. Assim, as falas dos ameríndios provêm de um único núcleo que sofreu mudanças e coruptelas capazes de promover a diversidade lingüística dos povos americanos.

Vasconcelos encontrou caminhos engenhosos para comprovar a origem européia dos índios. No entanto, encontrou muitos obstáculos para entender a corrupção dos costumes, pois os nativos eram feras selvagens e desumanas, vivendo *“ao som da natureza, nem seguem fé, nem lei, nem Rei”*, sendo estes os freios e os parâmetros de todo ser racional. Os índios descritos pelo religioso andavam em manadas pelos campos. A nudez dos homens e mulheres os confundiam com os animais, com as feras e bestas que viviam sem *“empacho algum da natureza”*.

Seus costumes eram isentos de leis, de jurisdição e de república. Era gente paupérrima, cujo ato de comer realizava-se sobre a terra, enquanto os alimentos provinham da ferocidade, da presteza no manejo dos arcos e flechas. Suas orelhas, faces e beijos andavam esburacados; orifícios onde engastavam pedras de várias cores e tamanho. *“Parecem mais brutos em pé, que racionais humanados; uns semicapros, uns faunos, uns sátiros dos antigos poetas”*. A humanidade há muito tinha abandonado os filhos da América, pois estes seres comportavam-se como alimárias, sem política, sem prudência e possuíam inúmeras perversões, dados à preguiça, à mentira, à gula e à bebedeira. Neles a luz da razão há muito já havia se extinguido. Caso ainda houvesse algum vestígio desta chama, ela seria quase da mesma intensidade daquela encontrada entre as feras.⁴

Simão de Vasconcelos relatou em minúcia as erronias e lembrou o quando os nativos se encontravam afastados da humanidade e das regras mínimas do convívio cristão. Ao longo da narrativa, a heróica missão dos jesuítas tornava-se cada vez mais audaciosa e quase impossível, pois transformar homens-feras em cristãos devotos era uma tarefa árdua. A cada indício de barbarismo, a cada lembrança do poder de Satã sobre o gentio, ficava mais distante a construção de uma civilização cristã no Brasil. Mas os guerreiros da fé não se vergavam ante as intempéries da jornada e continuavam o nobre encargo de salvar as almas da danação. A monstruosidade dos ameríndios valorizava o esforço dos padres e revelava ao mundo o empreendimento colonial dos portugueses.

*E é bem que conheçam eles, e o mundo as monstruosidades de sua natureza, para que delas mais admirem a eficácia, com que a lei de Deus de toscas pedras faz filhos de Abraão, e de rudes, e bárbaras, homens racionais: porque é cousa certa, que com a virtude, e boa criação desta santa lei entre os portugueses tem visto no Brasil mudanças mui notáveis nas nações desta gente.*⁵

O importante era demonstrar a notável metamorfose produzida pelo cristianismo e ressaltar o longo caminho trilhado pelos colonizadores para restituir a humanidade a seres que, há muito, perderam ou adulteraram as regras mínimas de civilidade. O nascimento de um novo ser, concebido pelos religiosos e por Deus, promovia a morte de bestas-humanas e o surgimento de “cidadãos da cristandade”. A origem atlante do gentio, com certeza, somou-se aos esforços dos padres, pois a natureza dos ameríndios em nada diferia da dos europeus. Deste modo, padres, colonizadores e índios provêm de um mesmo espaço, foram forjados por um único criador, portanto possuíam as mesmas capacidades.

Idêntica lógica levou o capuchinho, Yves d'Evreux, a definir a crença natural dos selvagens. Evreux presidiu um grupo de religiosos que acompanhava uma missão colonialista francesa ao Maranhão, norte do Brasil, a partir de 1612. A conquista não se sustentou por muito tempo, porém os missionários deixaram

importantes e detalhados relatos sobre o cotidiano indígena - material ainda pouco estudo pela historiografia francesa e brasileira.

Em *Suites de l'histoire des choses plus mémorables advenues en Maragnan, les année 1613 et 1615*, o religioso parte do princípio de que o criador concebeu o espírito humano com a capacidade de reconhecer a verdadeira religião. Todo homem possui potencialidades para se tornar cristão, tal pendor se encontra adormecido até o dia da revelação; até o dia do encontro entre o gentio e a divina sabedoria. Mas somente após a conversão, poderia ele desenvolver as sementes plantadas pelo Todo Poderoso. Em contrapartida, enquanto permanecesse sob o jugo tirânico do Demônio, ficaria imerso na escuridão das trevas, padecendo fomes e necessidades. No momento em que sua alma se desprendesse do cativo, guiada pelos profetas de Deus, vislumbraria a luz, as artes e as boas ciências. A partir de então, sua capacidade de aprender se multiplicaria e nasceria a esperança de eles se civilizarem. Yves d'Evreux acreditava que os Tupinambá possuíam todas as condições para sofrer esta metamorfose. Depois de sentir a presença de Deus, os nativos demonstravam a mesmas delicadezas e amabilidades de homens educados .

Deus plantou no espírito humano as raízes e as sementes da virtude ("*semences des vertus*"), alicerces capazes de originar o nascimento dos verdadeiros súditos da cristandade. Porém, as potencialidades somente floresceriam caso se cumprissem os termos do pacto travado entre Criador e criatura. Neste momento, os bárbaros despertariam do profundo sono de uma má crença, acordariam de um pesadelo cujo protagonista era o próprio príncipe das trevas. A Deus caberia fazer arder e queimar a faísca de fogo da luz natural, esperança que permaneceria quase extinta devido às mil superstições e crendices enganadoras. A pequena faísca ("*la petit esticelle de feu de lumiere naturelle*"), guardada no coração dos homens desde o dilúvio, era a crença natural. A conversão e a obediência cega às leis divinas permitiriam aos homens alimentar o fogo da fé e, por conseguinte, viabilizariam o desenvolvimento dos alicerces, das artes e das ciências. Somente o cristão poderia edificar um prédio e extrair da semente uma bela árvore carregada de flores e de frutos, doutrina esta bem aprovada por São João Crisóstomo, na homilia 55, ao povo da Antióquia.

Para o frade Yves d'Evreux, os selvagens sempre tiveram conhecimento de Deus, não da Essência, da Unidade e da Trindade. Conhecer os meandros da divina sabedoria dependia da fé. Somente depois da conversão os nativos alcançariam a sua complexidade. Porém, Deus deixou na natureza vestígios, por intermédio dos quais poderiam os homens tecer algumas conjeturas:

"La nature a donné à tous les hommes du monde, sans exception d'aucun, les fondemens, & semence des vertus, paroles bien notables: car comme les fondemens, & semence sont jettez dans les entrailles de la terra & par consequent cachez en icelle: de mesme

Dieu a jetté naturellement en l'esprit de l'homme les fondemens & semences des vertus; sur lesquels fondemens tout homme peut bastir avec la grace de Dieu..."

Entre os índios, denominou-se Deus de *Tupã*, a mesma nomeação dada ao trovão. Ao empregar o mesmo nome no singular, os naturais da terra não se referiam aos relâmpagos e trovões. Conta o frade, um velho índio informou que o trovão não era um homem, pois não seria capaz de andar de Oriente para Ocidente com enorme rapidez. Ademais, se o fosse, necessitaria de um outro para concebê-lo, pois todo ser procede de um outro. E finalizou o velho, como *Tupan* não o é, *Tupan* não é humano. Ele existe em toda a parte e criou o mundo.⁶ Antes mesmo da chegada dos europeus, os ameríndios já conheciam o Criador. A religião natural deixou rastros no coração dos nativos.

No *Diálogo sobre a conversão do gentio*, o padre Nóbrega também abordou o tema da natureza humana e da predisposição dos homens, sejam eles bons ou maus, para receber a revelação. Manuel da Nóbrega chegou ao Brasil, em 1549, junto com os primeiros jesuítas e acompanhado pelo primeiro governador do Brasil, Tomé de Sousa. Ele nasceu 1517 em Portugal e faleceu no Rio de Janeiro em 1570. Suas reflexões sobre o cotidiano indígena encontram-se espalhadas por dezenas de cartas. Nela demonstrou seus esforços e as dificuldades de catequizar os índios do litoral do Brasil.

Para sacerdote, os índios se comportavam como cães, quando se matavam e se comiam, agiam como porcos, quando perpetravam seus vícios. Mesmo assim, havia entre os nativos as sementes plantadas por Deus, prontas para germinar. A conversão era o fogo que amoleceria o metal e lhe daria a forma desejada. A forja do Senhor, continuou o padre, atuou sobre os seres humanos desde Adão e o pecado original. Todos os povos precisariam da purificação do fogo para encontrar o verdadeiro caminho. Os portugueses, os castelhanos, os Tamoio e os Aimoré foram originariamente bestas. No entanto, possuíam alma e uma bestialidade natural, dualidade que permitiria a metamorfose e o nascimento de cristãos devotos. Muitas gerações adoraram pedras e paus, bois e vacas, reverenciaram feiticeiros, diabos e se pautaram segundo preceitos errôneos. Os filósofos romanos alcançaram grande sabedoria e não chegaram à verdade; ao contrário, prezavam a luxúria e a mentira. Ainda que os índios jamais tivessem alcançado a sofisticação das civilizações clássicas, entregaram-se aos ferreiros de Deus.

"Da parte do gentio, digo, que huns e outros tudo são ferro frio, e que quando os Deus quizer meter na forja logo se converterão; e sse estes na fragoa de Deus ficarão pera sse meterem no fogo derradeiro, o verdadeiro ferreiro, senhor do ferro, lá sabe ho porque, mas de aparelho de sua parte tão mao o tem estes como ho tinhão todas as outras geraçõis".⁷

Os depoimentos dos padres Simão de Vasconcelos, Yves d'Evreux e Manuel da Nóbrega primam por conceber a catequese como uma retomada da evolução humana. Os europeus e os ameríndios descenderiam do mesmo núcleo populacional, possuiriam as sementes do cristianismo, carregariam consigo os alicerces da verdadeira religião. Portanto, seguiram juntos os mesmos caminhos até o momento da separação, quando os primeiros emigrantes deixaram para trás o Velho Mundo e se embrenharam por terras desconhecidas. A separação ocasionou o surgimento de homens-feras, de bestas humanas, capazes dos mais atroz desvios. Assim como Adão e Eva sofreram punições pelo pecado original, os índios padeceram pelo seu isolamento e pela ignorância em relação às Santas Escrituras. O homem foi criado justo e com boa vontade. O homem e a vontade boa são obras de Deus.

*“A má vontade primeira, comentou Santo Agostinho, que no homem precedeu todas as restantes obras más, foi menos obra que verdadeiro declinar das obras de Deus às próprias. E tais obras são más, por serem segundo o próprio cânon, não segundo Deus..”*⁸

A má vontade levou Adão para longe do Paraíso, e a permanência na América, no espaço das trevas, provocou danação dos gentios americanos. Na verdade, os habitantes do Novo Mundo suportaram um duplo castigo: o primeiro acometeu a todos os homens, depois que Adão e Eva foram expulsos do Paraíso; o segundo afetou os primeiros moradores da América e suas descendências, pois os últimos padeceram com os desmandos dos diabos, com alterações físicas e comportamentais devido ao isolamento e à tardia conversão ao cristianismo.

Os índios sofreram graves alterações na tonalidade da pele, na linguagem e, sobretudo, nos costumes. O canibalismo, a nudez e as inúmeras erronias demoníacas perpetuados pelos naturais do Novo Mundo representam a segunda degeneração, a segunda queda. Os padres teriam a missão de trazer os ameríndios para o mesmo estágio de evolução onde se encontravam os europeus cristianizados. O conhecimento das escrituras e o incremento da fé removeriam os indícios de barbárie e preparariam os nativos para alcançar o reino dos céus. A conversão traria a pureza e a virtude perdidas por Adão depois de ter comido o fruto proibido. Para Santo Agostinho, Adão e Eva possuíam ao mesmo tempo uma vida animal e espiritual e permaneceram no Paraíso submetidos a uma rígida obediência aos ensinamentos divinos. Antes da queda, viviam em estado de inocência; depois, em condição de pecado e penitência. Em seguida ao julgamento, eles e seus descendentes receberiam o merecido castigo pelas faltas cometidas ao longo de suas vidas. A terceira fase da história da humanidade é, portanto, um acerto de contas com o criador e um retorno ao primeiro estágio. Nesta fase, ao contrário de Adão antes da maçã, os homens e as mulheres não possuirão o corpo carnal.⁹

Na América, os religiosos desejavam conduzir o índio para a última etapa da evolução. Para tanto, os ameríndios teriam de abandonar os “vis costumes”, converter-se e morrer como um cristão. Deste modo, a vida dos “selvagens americanos” seria absorvida pela temporalidade cristã, dividida entre o passado, o presente e o futuro. A concepção de tempo exposta pelos religiosos constitui uma filosofia da história, caracterizada pela Teoria do Declínio e pela Restauração Futura. Os eventos descritos seguem uma lógica fundada na queda progressiva e na ascensão final. A humanidade viveu o seu período glorioso no início dos tempos, desde então a vida dos homens foi marcada pela decadência. O futuro promoverá o acirramento deste estado de coisas até o momento em que um agente externo intervier no processo. O cristianismo, por conseguinte, pretende reverter o quadro de progressiva degradação da humanidade e implantar o reino dos céus. O futuro é um retorno à primavera dos tempos, uma volta ao mundo antes do pecado original.¹⁰

No entanto, em relação à saga da humanidade, a história dos americanos narrada pelo padre Simão de Vasconcelos possui algumas nuances. A decadência das sociedades indígenas realizou-se de modo mais acelerado. No Novo Mundo, as perdas tomaram proporções inigualáveis, quando comparadas à decadência que se abateu sobre as espécies humanas do Velho Continente. A natureza americana teria redimensionado os efeitos catastróficos advindos com o pecado original?

Não restam dúvidas para o padre Vasconcelos que em relação aos habitantes da Europa, os ameríndios sofreram um processo de degradação muito mais acentuado. Segundo Platão, Atlante abrigava uma grande civilização, capaz de rivalizar com a alta cultura grega. No entanto, os vestígios do seu esplendor desapareceram por completo entre os índios. A escrita, a centralização do Estado, a língua e os costumes perderam-se nos tempos, enfraqueceram até a quase extinção. O religioso destacou a magnitude da decadência dos americanos, avaliando, de modo indireto, a força avassaladora, o poder de destruição e a hecatombe que acometeram as comunidades egressas da fabulosa ilha. Por que os gregos e romanos rumaram em direção ao cristianismo e os índios se afogaram, cada vez mais, na escuridão? A descoberta tardia do Novo Continente e a ignorância prolongada da Santa Escritura teriam proporcionado tal estado de decrepitude? Alguns padres acreditavam nessa hipótese, pois se perguntaram por que Deus abandonou, durante longos séculos, a “pobre gente” da América. Caso os missionários tivessem chegado ao território em um período mais recuado, os índios não viveriam em tal estado de degradação promovida pelo príncipe das trevas.¹¹

Os desmandos do mal possuíam uma existência material, não eram apenas frutos da imaginação. Os rastros deixados pelo “Maligno” materializavam-se na penúria e na miséria encontradas entre as comunidades Tupinambá. Somente a

conversão do gentio poderia reverter o estado de coisas, somente a divina sabedoria livraria as comunidades indígenas do jugo tirânico. O tema da coorte infernal é recorrente nas primeiras crônicas sobre a América. Depois da vitória do cristianismo na Europa, os demônios voaram em grande quantidade para o continente, procurando um refúgio e novas almas para atormentar. No Novo Mundo, depois da chegada dos padres, diria o espanhol Andrés de Olmos, existiam duas igrejas: uma boa e católica, comandada por Roma, e a outra diabólica, dirigida pelas hostes de Satã.¹² Vários observadores da América partiram deste princípio para encontrar os rastros do príncipe das trevas e para explicar o primitivismo das comunidades ameríndias.

Índios, seres decaídos

Entre os séculos XVI e XVII, o primitivismo e a debilidade da vida material dos ameríndios eram fruto da ignorância em relação à palavra revelada, do desconhecimento dos ensinamentos cristãos. No Novo Mundo, o cotidiano se pautava em guerras fratricidas e em superstições demoníacas. Sem a presença dos enviados de Deus, o Diabo conduzia os nativos à morte e à miserabilidade. Para os cristãos, a busca da Terra do Sem Mal era uma prova irrefutável dos maus-tratos que os pajés submetiam aos índios. Sob a sedução demoníaca, os feiticeiros enganaram os índios, conduzindo-os a uma terra onde todos os desejos seriam realizados sem a intervenção humana. Os nativos seguiram os caraíbas e logo sofreram as intempéries da nova morada. Uma tragédia selou os seus destinos, e a morte marcou, mais uma vez, o cotidiano dos “selvagens”. Em contrapartida, os filhos de Deus alimentavam-se da melhor maneira, possuíam belas vestes, eram temidos e admirados. Seus corpos eram fracos e debilitados, pois Deus, ressaltavam os missionários, esqueceu destes “desgraçados”, largando-os em um território distante e sob o domínio do mal.¹³

A miserabilidade também poderia ser explicada pela incapacidade intelectual dos índios. Os aristotélicos dividiam a humanidade entre gregos e bárbaros, ou entre cristãos e não-cristãos. Eles não se pautavam na idéia de monogenia, pois havia diferença entre os corpos dos homens livres e dos escravos. Os últimos teriam um físico robusto, forjado para o trabalho, enquanto os primeiros eram inaptos para as mesmas tarefas devido à sua debilidade física, mas capazes de exercer funções intelectuais na vida política. O corpo robusto se converteu, então, em um estigma, um pressuposto para a escravidão, enquanto a constituição delicada tornou-se um indício de liberdade.

Las Casas contestou duramente os pressupostos aristotélicos. Negou, em princípio, a dicotomia estabelecida pelo filósofo grego, pois os índios nem sempre possuíam um corpo robusto; e os espanhóis, por sua vez, não exerciam o papel de um senhor piedoso e justo. Para além das características físicas, Las Casas ressaltou que Aristóteles não poderia constituir uma autoridade para os

cristãos, pois era um pagão e encontrava-se assando no inferno. Na Cristandade, havia enormes obstáculos para tornar válida a antítese aristotélica “livre-escravo”, pois não se coadunava com a antítese cristã “homem-besta”. A conversão seria impossível, caso ficasse comprovado que os americanos eram feras e bestas ao invés de homens. Desse modo, a idéia de monogenia e os pressupostos bíblicos sagraram-se vitoriosos quando Las Casas refutou as teses aristotélicas de Sepúlveda¹⁴.

No século XVIII, os preceitos bíblicos perderam a legitimidade para explicar o mundo. A religião revelada tornou-se então um inimigo dos iluministas. As escrituras não suportavam uma análise lógica, e nenhum mérito deveria ser creditado a seus testemunhos. A revelação pertencia à ordem dos milagres, e a razão não admitia os milagres e os mistérios da fé. O sobrenatural, portanto, não merecia investigação, somente as causas naturais seriam buscadas pelos filhos das Luzes. “*O que na religião é propriamente religioso, não passa de superstição; e em consequência, torna-se necessário*” o ataque e aniquilamento veemente da superstição. Nessa conjuntura, ocorreram algumas transformações nas teses sobre a origem dos ameríndios.¹⁵

Em meados do século XVIII, as explicações para debilidade ou imaturidade dos americanos foram retomadas por Buffon. Seus princípios filosóficos não se prendiam nem a Aristóteles, nem às revelações bíblicas. No entanto, mesmo rompendo com a teologia cristã, defendia a unidade do gênero humano, o monogenismo. Para além da reconhecida diversidade entre os homens, Buffon ressaltou que tudo concorria para comprovar a unidade entre os povos; o gênero humano não é composto de espécies antagonicamente diferenciadas. Ao assumir uma postura de naturalista, lembrou que brancas e negros poderiam cruzar e procriar, prova cabal para contestar a diversidade de espécies humanas. Diferenças, sim, existem entre homens e animais: há uma distância infinita entre o ser humano e o mais perfeito animal. O homem é um ser racional, enquanto as bestas são destituídas de intelecto. Não existe um ponto de equilíbrio entre ambos, não há seres intermediários entre o ser com razão e o ser sem razão. Desse modo, defendeu o monogenismo, sem o respaldo das sagradas escrituras e o mito de Adão e Eva.

Os principais analistas da natureza americana, Buffon e de Pauw conceberam, contudo, os ameríndios como seres inferiores. De maneira velada, consideravam-nos incapazes de alcançar o estágio de desenvolvimento da civilização européia. A natureza do continente explicaria a degeneração, a preguiça e a indolência presentes entre os habitantes do Novo Mundo. Para Buffon, os nativos foram inábeis no domínio do meio hostil, a fim de revertê-lo segundo seus interesses. O homem ficou à mercê dos caprichos da mãe natureza e permaneceu passivo frente às potencialidades oferecidas pelos reinos animal e vegetal. Os ameríndios não se destacaram das outras espécies. O espaço seria

então dominado pelos répteis e insetos, por seres de sangue frio e de formas agigantadas.

O prussiano De Pauw abordou o problema sob um prisma mais radical: os homens americanos não eram animais imaturos, crianças crescidas, eram, sim, seres degenerados. A natureza era débil e corrompida, débil por estar corrompida, inferior por estar degenerada. Somente os insetos, as serpentes e os bichos nocivos prosperaram, tornando-se mais gordos, maiores e mais temidos. O clima seria contrário ao florescimento da sociedade e do gênero humano. Uma enorme catástrofe, talvez, explicaria o estado de penúria vivido pelos animais e homens americanos. De forma pouco clara, de Pauw aludiu a terremotos espantosos, a inundações diluvianas e à combustão incontrolável como responsáveis pela degradação. O pensador chegou mesmo a sugerir que um “segundo dilúvio” teria afetado apenas a América. A inferioridade dos ameríndios seria o resultado da destruição provocada pela catástrofe, semelhante à debilidade que acometeu a Terra no momento posterior ao dilúvio universal. Depois que as águas baixaram, constataram-se a degeneração da fauna, o aniquilamento das árvores boas, o crescimento dos desertos, a multiplicação das bestas e plantas nocivas.¹⁶

Para além da concepção monogenista, Buffon considerou a existência de uma hierarquia entre os homens. A unidade o permitiu classificar as sociedades segundo dois parâmetros: a racionalidade e a solidariedade. A capacidade humana de submeter a natureza dependeria da união; do contrário as comunidades sucumbiriam, como os americanos, aos caprichos da natureza, do meio. Uma nação tornar-se-ia forte e laboriosa, quando se pautasse em regras, leis e senhores. Onde a solidariedade e a organização entre os homens estivesse debilitadas, haveria uma reunião tumultuoso de homens bárbaros e independentes, guiados por suas paixões egoístas. Por intermédio desses parâmetros, Buffon classificou a humanidade: no cume da hierarquia encontravam-se as *“as nações da Europa setentrional, logo abaixo os outros europeus, depois vêm as populações da Ásia e da África, e, na parte mais baixa da escala, os selvagens americanos”*.¹⁷

A classificação proposta por Buffon teve grande repercussão entre os séculos XVIII e XIX. Voltaire compartilhava das mesmas convicções referentes à natureza quase animalesca dos povos da África e América. Contudo, ao contrário de Buffon, ele defendia a poligenia da humanidade, embora admitisse a legitimidade de classificar os homens segundo os parâmetros buffonianos: racionalidade e sociabilidade. Sua ruptura com a ortodoxia cristã permitia-o duvidar que negros, brancos, hotentotes e chineses descendessem de um único tronco.

“Voltaire mantém intacta a escala única de valores, mas renuncia à unidade da humanidade. E verifica-se que seu poligenismo está

mais de acordo com descrição das raças que ele partilha com Buffon; por essa razão, talvez será adotado pelos racialistas do século XIX".¹⁸

O poligenismo tornou-se então a ruptura definitiva com os dogmas cristãos e com a crença na unidade dos homens. No século XVIII, o Diabo não mais despertava a atenção dos europeus. A perseguição às bruxas e as lutas religiosas haviam perdido o ímpeto original. A maldade e o desconhecimentos das escrituras não poderiam ser empregados como álibi para explicar a penúria vivenciada na América. Recorrendo à razão e à comprovação empírica, os pensadores iluministas explicaram "a incapacidade dos nativos" por intermédio da hostilidades do meio. A natureza americana era imprópria para o florescimento de uma civilização. Ao contrário dos religiosos dos séculos XVI e XVII, os detratores da América não acreditavam no poder do cristianismo para reverter o processo de degeneração. Buffon, de Pauw e Voltaire não se preocuparam com a capacidade dos índios em entender o Evangelho e se tornar cristãos devotos. E, assim, não consideravam a hipótese de reverter a decadência. Enfim, um mesmo problema - a degeneração dos ameríndios - foi concebido sob dois aspectos. Os religiosos acreditavam no declínio temporário e reversível, capaz de recuar com a conversão, enquanto, os iluministas, particularmente Buffon e de Pauw, apontaram para corrupção natural dos americanos e tenderam, portanto, a demonstrar a irreversibilidade do processo.

No caso específico da natureza do ameríndio, o antagonismo entre católicos e iluministas era apenas aparente. Durante três séculos, eles receberam qualificações muito semelhantes, características que mantêm um estreito relacionamento com os interesses da colonização. Enquanto, o avanço da expansão européia fazia-se em nome do cristianismo, o índio era um cristão em potencial. O cientificismo, por sua vez, pouco se preocupou com a conversão das almas e classificou-os como seres degenerados pela natureza. Em suma, os paradigmas alteraram-se, os séculos se passaram, mas a representação do índio permaneceu quase inalterada. O relativismo cultural, esboçado por Rousseau, somente tomará corpo com os antropólogos do século XX. Antes desta data, o pensamento cientificista, ou mesmo científico, continuou a denominar os ameríndios de seres decaídos.

NOTAS

1. Vasconcelos, Simão de. *Crônica da Companhia de Jesus*. (1668) 3. ed.; Introdução de Serafim Leite. Petrópolis: Vozes/Instituto Nacional do Livro, 1977. v. 1. As citações ver p. 83-4 e 91, sobre o tema ver p. 49-91.

2. **Op. cit.** p. 82. Sobre a origem dos ameríndios ver: Hodgen, Margareth T. **Early anthropology in the sixteenth and seventeenth centuries**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1971.; Solé, Jacques. **Les mythes chrétiens de la Renaissance aux Lumières**. Paris: Albin Michel, 1979. Huddleston, Lee E. **Origins of the Americans Indians**. Austin: The University of Texas Press, 1967.
3. **Op. cit.** p. 94
4. **Op. cit.** p. 95 e 97-98.
5. **Op. cit.** p. 113
6. Evreux, Yves d'. **L'histoire des choses plus memorables advenues en Maragnan ...** Edição de Ferdinand Denis. Paris, MDCXV. p. 64-65; 68; 278-280. A citação no texto encontra-se na p. 68. Sobre as potencialidades da conversão do gentio, Evreux ainda teceu o seguinte comentário: *Qui sera celuy qui me voudra nier que ces marques ne soient suffisantes, pour convaincre nos esprit'esperer & croire, qu'avec le temps ceste nation se rendra domestique, bien apprendre & honneste.* p. 64.
7. Diálogo sobre a conversão do gentio do P. Manuel da Nóbrega, Bafa 1556-1557. In: **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**. Edição e notas pelo padre Serafim Leite S.J.. São Paulo: Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1954. v. II p. 317-345. A citação é da p. 344.
8. Agostinho, Santo. **A cidade de Deus**; contra os pagãos. Tradução de Oscar Paes Leme e introdução de Emmanuel Carneiro Leão. 2 ed. Petrópolis: Vozes/São Paulo: Federação Agostiniana Brasileira, 1990. p. 147-153. A citação p. 148.
9. **Op. cit.** p. 147-148. Ver também o importante estudo de Boas, George. **Essays on the primitivism and related ideas in the middle ages**. 2. ed. New York: Octagon Books, 1966. p. 45-53.
10. Sobre a teoria do declínio e da restauração futura ver: Lovejoy, Arthur & Boas, George. **Primitivism and related ideas in antiquity**. With supplementary essays by W.F. Albright and P.E. Dumont. 2 ed. New York: Octagon Books, 1973. p. 3.
11. Sobre o assunto ver: Abbeville, Claude d'. **Histoire de la mission dès Pères capucines en l'isle de Maragnan**. Paris: L'imprimerie de François Huby, 1614. prefácio p. 2. *L'estat du pauvre Peuple de Maragnan, & des païs circonvoisins, & autres semblables est un pareil de Jugemens inscrutables de ce grand Dieu. tellement que si vous demandez pourquoy sa Divine Majesté ne les a pas illuminez de la lumiere de la foy, aussi bien que la France, l'Italie & l'Espagne, dès lors que ce Vrai Soleil de Iustice Nostre Sauveur Commença à paristre au Môde, sans permetre que tât & tât dâmes, depuis il ne sçay combien d'annee, soient miserablement descenduës aux Enfers...* p. 2.
12. Sobre a demonização da América ver: Souza, Laura de Mello. **Inferno atlântico; demonologia e colonização séculos XVI - XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 21-46.
13. Evreux, Yves de. **L'Histoire des choses plus memorables advenues en Maragnan ...** Edição de Ferdinand Denis. Paris: François Huby, MDCXV. p 9-10; 348-353.

14. Gerbi, A. Op cit p. 63-66.
15. A citação encontra-se em Hazard, Paul> **O pensamento europeu no século XVIII.** (Trad.) Lisboa: Editorial Presença/ Livraria Martins Fontes, 1974. p. 85; sobre a secularização do pensamento ver ainda: Cassirer, Ernest. **Filosofia de la Ilustracion.** (Trad.) México: Fondo de Cultura Económico, 1943. p. 135-189
16. Sobre a degeneração na América ver: Gerbi, Antonello. **La disputa del Nuevo Mundo; história de una polémica 1750-1900.** (trad.) México: Fondo de Cultura Económica, 1960. p. 4-5 e 49-73.
17. Todorov, Tzvetan. **Nós e os outros; reflexão francesa sobre a diversidade humana . I.** (Trad.) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993 p. 114-5. Vale ressaltar que a idéia buffoniana de hierarquia remota à concepção aristotélica de diversidade humana. Este ponto não foi ressaltado por Todorov.
18. Todorov, T. Op cit p. 117. Nesta análise sobre os iluministas não considerei o relativismo cultural de Jean-Jacques Rousseau, pois seu pensamento não promoveu uma comportimentação entre os homens, nem influenciou os racialistas do século XIX.. Sua abordagem da diversidade humana rompeu tanto com os dogmas católicos quanto com o cientificismo do XVIII, não se pautou na degeneração, na monogenia ou na poligenia.